

Marquês de Valença

RIO DE JANEIRO

*Em comemoração ao
1.º Centenário*



IBGE — CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

MARQUÊS DE VALENÇA

RIO DE JANEIRO

- ☆ *ASPECTOS FÍSICOS* — Área: 1 404 km² (1950); altitude: 541 m; temperatura média em °C das máximas: 35; das mínimas: 10; compensada: 26.
- ☆ *POPULAÇÃO* — 42 181 habitantes (estimativa para 1.º-VII-1957).
- ☆ *ATIVIDADES PRINCIPAIS* — Pecuária (gado bovino); indústria têxtil.
- ☆ *ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS* — 1 matriz e 3 agências.
- ☆ *VEÍCULOS REGISTRADOS* (na Prefeitura Municipal em 1955) — 164 automóveis e 99 caminhões.
- ☆ *ASPECTOS URBANOS* (sede) — 2 574 ligações elétricas, 208 aparelhos telefônicos, 5 hotéis, 4 pensões, 2 cine-teatros.
- ☆ *ASSISTÊNCIA MÉDICA* (sede) — 2 hospitais gerais com 98 leitos; 9 médicos no exercício da profissão.
- ☆ *ASPECTOS CULTURAIS* — 54 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, 4 de ensino complementar (admissão ao ginásial); 4 estabelecimentos de ensino médio (ginásial, colegial, normal e comercial); 3 tipografias, 1 biblioteca, 5 jornais (em circulação) e 1 radio-emissora.
- ☆ *ORÇAMENTO MUNICIPAL PARA 1956* (milhares de cruzeiros) — receita prevista total: 7 722; receita tributária: 4 395; despesa fixada: 7 722.
- ☆ *REPRESENTAÇÃO POLÍTICA* — 15 vereadores em exercício.

Texto e desenho da capa de Marcos Vinícius da Rocha, da Diretoria de Documentação e Divulgação do CNE.

ASPECTOS HISTÓRICOS

O TERRITÓRIO do atual Município de Marquês de Valença era habitado, na época do seu devassamento, pelos índios Coroados, que dominavam tôda a zona compreendida entre os rios Paraíba e Prêto.

Em 1789, D. Luís de Vasconcelos e Souza, vice-rei do Brasil, ordenou fôsse iniciada a catequese de vários indígenas ali aldeados, entre os quais se incluíam os Coroados, cuja ferocidade os faziam temidos nas povoações circunvizinhas. Foram encarregados dessa missão o capitão de ordenanças Inácio de Souza Werneck, o fazendeiro José Rodrigues da Cruz, senhor da Fazenda de Ubá, e o padre Manoel Gomes Leal.

Uma das primeiras providências tomadas pelos colonizadores foi a de construir modesta capela, no principal aldeamento dos Coroados, originando-se daí a povoação. A capela foi dedicada a Nossa Senhora da Glória de Valença, em homenagem ao vice-rei descendente da tradicional família portugueza dos Marquêses de Valença. Padre Manoel deu início à sua tarefa, procurando concentrar os aglomerados indígenas até então dispersos pela mataria, chamando ainda à civilização os Puris e Araris.

Em 1807, o govêrno, por Carta Régia de 19 de agôsto, conferiu à povoação o predicamento de freguesia.

Contavam-se, na Quaresma de 1814, 119 fogos, com 688 indivíduos adultos, sendo o total das pessoas superior a 700 (sem contar os índios aldeados).

O progresso das localidades além do rio Paraíba muito contribuiu para o desenvolvimento da freguesia de Nossa Senhora da Glória de Valença, bem como das terras que se lhe seguiam além da margem do rio Prêto, na capitania de Minas Gerais. Valença era passagem obrigatória das tropas mineiras que demandavam a Côrte do Rio de Janeiro. O antigo nome da rua Saldanha Marinho (rua dos Mineiros) é um reflexo da vida de então na freguesia, onde o tropeiro era figura sempre benvinda: "hóspede nas fazendas, querido e ansiosamente esperado, trazia as novidades, aviava as encomendas femininas, geria interesses financeiros do chefe da casa", segundo o historiador.

Pelo caminho da aldeia, aberto por Souza Werneck, fazia-se a ligação do sertão de Valença com a aldeia dos Araris, em Rio Bonito (Conservatória), através do rio das Flôres e, por outro lado, estabelecia-se contato com a estrada geral para Minas e os caminhos auxiliares do Pilar, Azevedo e Tinguá (Freguesia de Sacra Família do Tinguá).

O curso do ribeirão das Mortes — escreve Matoso Maia Forte — orientava as “tropas vindas de N. S. da Glória de Valença para Sacra Família do Tinguá, ganhando daí as antigas estradas, na direção de Iguacu, ou o atalho, que já começava a ser trilhado, para o rancho dos Mendes e Rodeio, na direção da Serra dos Macacos, para se dirigirem, já na planície, rumo a Itaguaí”. Por esse lado, vinham “viajantes e tropas mineiras na direção das proximidades de Desengano, para fazerem, rio acima, a travessia para a margem direita do Paraíba, indo ter às vizinhanças do riacho das Mortes, na atual estação de Barão de Vassouras, evitando o percurso mais longo que lhes oferecia o Caminho do Comércio”.

A 17 de outubro de 1823, novamente recebeu a povoação as atenções dos governantes que, por Alvará daquela data, lhe concederam a categoria de vila, com território desmembrado dos termos da cidade do Rio de Janeiro e das antigas vilas de São João do Príncipe (depois São João Marcos) e de Resende, verificando-se a sua instalação três anos depois, a 12 de novembro. A elevação à categoria de cidade data de 29 de setembro de 1857 (Lei n.º 961 da Assembléia Provincial).

Por volta de 1859, a cidade contava cerca de 5 000 habitantes e o Município 40 000 entre livres e escravos.

Em 1871, os trilhos da União Valenciana chegavam à cidade. Passava, então, a localidade por período de grande desenvolvimento econômico, graças à lavoura cafeeira; o comércio atacadista ganhou intensidade.

A Lei Áurea de 1888, abolindo a escravatura, iria refletir-se profundamente na economia valenciana, uma vez que por essa época trabalhavam na lavoura de café cerca de 25 000 escravos.

Por volta de 1909, José Siqueira Silva da Fonseca, Benjamin Ferreira Guimarães e Vito Pentagna fizeram, com bons resultados, experiências de industrialização. Nova era de desenvolvimento iniciar-se-ia, então, com o ciclo industrial e agropecuário.



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória

Fator destacado do ressurgimento da vida local foi a encampação da antiga estrada de ferro “União Valenciana” à Central do Brasil, em 1910. A instalação das oficinas e do 10.º Depósito da Central do Brasil; a construção da variante de Estêves e do trecho ferroviário entre Marquês de Valença e Taboas e de Rio Preto a Santa Rita de Jacutinga, fizeram também com que aumentasse a população, se enriquecesse o comércio e se desenvolvesse a indústria.

Em 31 de dezembro de 1943, o topônimo Valença foi modificado para Marquês de Valença (Decreto-lei estadual n.º 1 056).

Segundo o quadro administrativo do País, vigente a 1.º de julho de 1957, o Município é composto de 6 distritos: Marquês de Valença, Barão de Juparanã, Conservatória, Parapeúna, Pentagna e Santa Isabel do Rio Preto.

Vultos ilustres

ENTRE OS filhos ilustres de Marquês de Valença, citam-se os seguintes: Estevão Ribeiro de Resende, Marquês de Valença, que tomou parte ativa na política da Independência, tendo acompanhado Pedro I na viagem histórica de 1822, como seu “ministro de tôdas as repartições”; Domingos Custódio Guimarães, Visconde do Rio Preto; Conde de Baependi, Braz Carneiro Nogueira da Costa e Gama,

deputado geral e provincial pela Província do Rio de Janeiro, presidente da Câmara Municipal de Valença em várias legislaturas e presidente da Província de Pernambuco; Peregrino José da América Pinheiro, Visconde de Ipiabas; Barão de Juparanã, Manoel Jacinto Carneiro Nogueira da Gama e seu irmão, barão de Santa Mônica; barão da Vista Alegre, Manoel Pereira de Souza e Barros; os barões do Rio Bonito.

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

PERTENCE Marquês de Valença à Zona de Resende, uma das 10 regiões fisiográficas em que o Estado do Rio de Janeiro está dividido e da qual fazem parte, também, os municípios de Barra do Pirai, Barra Mansa, Itaverá, Mendes, Paraíba do Sul, Pirai, Resende, Rio das Flôres, Três Rios, Vassouras e Volta Redonda.

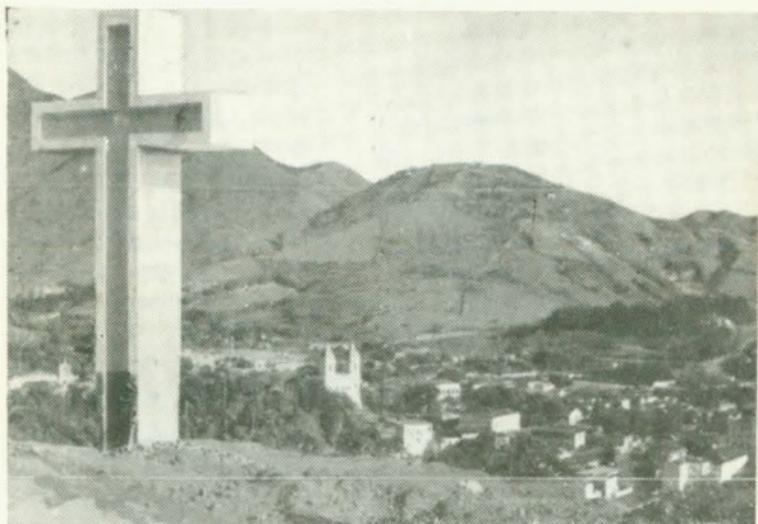
A cidade de Marquês de Valença, que dista da Capital Estadual, em linha reta, 94 quilômetros, apresenta as seguintes coordenadas geográficas: Latitude sul — 22° 15' e Longitude W. Gr. — 43° 42'.



ASPECTOS FÍSICOS

O TERRITÓRIO valenciano é bastante acidentado e irrigado. Parte do Município está situada no vale do Paraíba, onde apresenta seus pontos mais baixos. As maiores elevações acham-se nos divisores de águas dos rios Paraíba e Prêto — serras do Rio Bonito e Cruzes — e nos dos rios Prêto e Bonito — serra da Taquara.

Várias são as serras: do Barroso, entre Santa Isabel do Rio Prêto e Pedro Carlos; das



O Cruzeiro de Marquês de Valença

Minhocas; dos Velhacos ou Seabra, onde se destaca o Pico das Sete Léguas na divisa de Pentagna com Parapeúna; de Ipiabas, do Barreiro, de Cantagalo e da Charneca; do Tunifel, uma das maiores serras do Município, também conhecida como de Duboc (em Pentagna esta serra alcança 900 metros); do Rio Bonito, que atinge 1 007 metros no Pico de São Domingos; a serra Velha ou dos Mascates, no distrito de Valença, e ao lado da qual está a Serra das Cobras.

O clima, temperado e sêco, apresenta excelentes condições de salubridade.

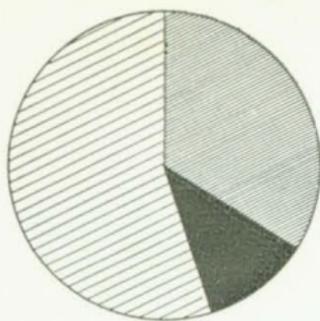
Banham o Município os seguintes rios: Paraíba do Sul, Prêto, das Flôres e Bonito.

As principais riquezas minerais são representadas pela mica, argila, caolim e dolomita no reino vegetal, pelas madeiras (ipê-tabaco, ipê-meirinho, peroba e cedro, entre outras).

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

NA data do Recenseamento Geral de 1950, a população era de 36 126 habitantes (18 130 homens e 17 996 mulheres). O Departamento Estadual de Estatística estima para 1.º-VII-1957, 42 181 habitantes.

Em relação à discriminação de seus habitantes segundo a côr, religião e localização nos quadros rural, urbano e suburbano, o Município é representativo do conjunto do Estado do Rio de Janeiro, com quotas aproxi-



CIDADE 34%
 VILAS 11%
 QUADRO RURAL 55%

madamente iguais às correspondentes estaduais: 53% de habitantes de cor branca e 46% de cor preta ou parda (contrapondo-se às quotas estaduais de 60% e 40%, respectivamente); 95% de católicos (no Estado 90%) e 55% de habitantes no quadro rural (52%, no Estado).

É ínfima a quota de estrangeiros.

A cidade (quadros urbano e suburbano do distrito-sede) congrega cerca de 34% dos habitantes e as vilas de Barão de Juparanã, Conservatória, Parapeúna, Pentagna e Santa Isabel do Rio Preto, em conjunto, apenas 11%.

PRINCIPAIS ATIVIDADES

ECONÔMICAS

As atividades agropecuárias, a indústria e os transportes concentram grande parcela da população ativa local.

O ramo "agricultura, pecuária e silvicultura" abrange um contingente de pessoas que se pode estimar em 47% do total da população de 10 anos e mais que exerce atividade econômica (percentagem calculada sobre o referido total, exclusive os habitantes inativos, os que exercem atividades domésticas não remuneradas e discentes e os que não puderam ser incluídos em algum ramo de atividade); as pessoas que trabalham nas indústrias de transformação representam 19% do mesmo total, e as que estão ocupadas no ramo "transportes, comunicações e armazenagem", 11%.

A cada grupo de 10 pessoas ocupadas nas lavouras e na pecuária correspondem 4 habitantes que trabalham nos estabelecimentos fabris.

Agricultura e pecuária

A AGRICULTURA, que no Império fez do município uma das regiões mais prósperas

da Província, tem hoje importância reduzida na vida econômica de Marquês de Valença.

A lavoura de café, que lhe trouxe riqueza, determinou também o empobrecimento da terra, já que não era praticado, como ainda não o é, o método de rotação das culturas. Atualmente, explora-se uma ou outra lavoura cafeeira, mas nova; o milho, o feijão e o arroz são plantados mais para o gasto e manutenção da colônia que para o comércio. Não há no município campos experimentais nem estabelecimentos de assistência à agricultura.

O abandono da lavoura de café concorreu muito para a diminuição da população rural; por outro lado, não há imigração, embora se tenha verificado ultimamente a entrada de proprietários mineiros que se instalam no Município e dedicam-se em geral à agropecuária. A atual situação da lavoura valenciana decorre, ora da falta de braços, ora da migração de colonos que se dirigem para São Paulo ou para Nova Iguaçu, ou ainda, para Volta Redonda.

Em 1955, o valor da produção agrícola atingiu 13 milhões de cruzeiros, dos quais 71% resultantes da produção de milho (dados do Serviço de Estatística da Produção):

PRODUTOS AGRÍCOLAS	VALOR DA PRODUÇÃO	
	Números absolutos (Cr\$ 1 000)	% sobre o total
Milho.....	9 180	71,49
Arroz com casca.....	1 152	8,97
Feijão.....	576	4,49
Outros(1).....	1 933	15,05
TOTAL.....	12 841	100,00

(1) Em outros acham-se incluídos batata-inglesa, banana, laranja, cana-de-açúcar, café, mandioca, alho, batata-doce etc.

Embora se verifique pequena exportação dos produtos agrícolas do Município para o Distrito Federal, a pecuária constitui hoje a principal fonte de renda rural de Marquês de Valença.

A criação do gado se faz, em geral, à solta; entretanto, há fazendas onde são selecionados reprodutores a fim de cruzá-los racionalmente. São preferidas, dentre as nacionais, as raças "crioula" e "caracu"; dentre

as estrangeiras, as raças “zebu”, suíço”, “normando”, “jersey” e “holandesa”.

Em 1955 o efetivo do gado bovino elevava-se a 60 000 cabeças; possuía ainda o Município 9 400 cabeças de suínos, 4 600 eqüinos, 900 asininos e muares e 1 000 ovinos e caprinos. O valor do gado bovino foi estimado em 180 milhões de cruzeiros.

Gado de corte é exportado, principalmente para Mendes. Por outro lado, a pecuária contribui para o desenvolvimento da indústria local de beneficiamento de leite, fabricação de manteiga e queijo.

Produção industrial

Ao lado da intensa atividade pecuarista, alinham-se dois importantes ramos da indústria de transformação: o da indústria têxtil (fabricação de tecidos alvejados, tintos e fabricação de rendas e bordados) e o da de transformação de produtos alimentares (beneficiamento de leite, fabricação de manteiga e queijo).

Em 1955, o valor da produção industrial elevou-se a 234 milhões de cruzeiros, dos quais 138 milhões resultantes da indústria têxtil e 93 milhões da de produtos alimentares (dados do Registro Industrial, referentes aos estabelecimentos que ocupavam 5 ou mais pessoas).

No mesmo ano havia 24 estabelecimentos — 6 de indústria têxtil e 13 de produtos ali-



Vista da Cidade

mentares; estavam ocupados nos primeiros 1 515 operários e nos outros, 120.

A indústria de tecidos de algodão, que congregava 1 172 operários, teve produção no valor de 101 milhões de cruzeiros; a indústria de leite beneficiado, manteiga, creme e caseína, 77 milhões.

Por volta de 1953, existiam em funcionamento 17 fábricas de queijo e manteiga e 4 cooperativas agropecuárias e 1 exclusivamente de laticínios.

Contam-se também indústrias de produtos suínos, como banha, toucinho e salsicharias. A indústria de calçados desenvolve-se promissoramente. Há, na sede municipal, uma fábrica de gelo.

O beneficiamento do arroz é feito em pequena escala e o do café é realizado por processos rotineiros em algumas fazendas.

Indústria extrativa mineral

EM 1955, a produção fluminense de dolomita, tãda concentrada em Marquês de Valença, atingiu 7 947 toneladas no valor de 1 144 milhares de cruzeiros.

Observe-se que, em todo o País, apenas os Estados de Minas Gerais e São Paulo são produtores de dolomita (em 1955, as produções dêsses estados ascenderam, respectivamente, a 48 026 e 32 450 toneladas).

Transportes, comunicações e

armazenagem

COMO se assinalou, é apreciável o contingente de habitantes que trabalham no ramo "transportes, comunicações e armazenagem": cêrca de 11% da população ativa. A explicação dessa quota relativamente elevada encontra-se no fato de estarem instalados no Município o 10.º Depósito e as oficinas da Estrada de Ferro Central do Brasil.

MEIOS DE TRANSPORTE

DUAS estradas de ferro servem o Município: a Central do Brasil e a Rêde Mineira de Viação. A Central do Brasil atravessa os distritos de Barão de Juparanã, Marquês de Va-

lença, Pentagna e Parapeúna; a Rêde Mineira de Viação, os de Conservatória e Santa Isabel do Rio Prêto.

A sede municipal comunica-se com a Capital Federal pela Estrada de Ferro Central do Brasil e daí à Capital Estadual por via marítima. De Marquês de Valença se alcança Juparanã (bitola estreita) e daí a Capital Federal (bitola larga); por estrada de rodagem, a via preferida é a de Barra do Pirai.

As ligações do Município com as localidades vizinhas e com as capitais federal e estadual são feitas pelos seguintes meios de transporte:

Barra Mansa — 1) Rodoviário: 91 km, via Conservatória ou 106 km, via Volta Redonda; 2) Ferroviário: 94 km (EFCB); 3) Misto — a) rodoviário: 36 km (até Barra do Pirai); b) ferroviário: 46 km (EFCB).

Barra do Pirai — 1) Rodoviário: 36 km; 2) Ferroviário (EFCB): 48 km.

Rio das Flores — 1) Rodoviário: 19 km; 2) Ferroviário: 19 km (EFCB).

Rio Prêto, MG — 1) Rodoviário: 34 km; 2) Misto — a) ferroviário: 38 km (EFCB); b) rodoviário: 1 km.

Santa Rita do Jacutinga, MG — 1) Ferroviário: 76 km (EFCB); 2) Rodoviário: 73 km, via Santa Isabel do Rio Prêto; 3) Misto — a) rodoviário: 36 km, até Barra do Pirai; b) ferroviário: 93 km (RMV).

Vassouras — 1) Rodoviário: 36 km, via Barão de Juparanã ou 60 km, via Barra do Pirai; 2) Ferroviário: 34 km (EFCB).

Capital Estadual — 1) Rodoviário: 219 km, via Magé; 2) Misto — a) rodoviário: 151 km, via Barra do Pirai até o Distrito Federal; b) marítimo: 6 km.

Capital Federal — 1) Rodoviário: 151 km, via Barra do Pirai; ou 154 km, via Mendes; ou 154 km, via Vassouras; 2) Ferroviário: 183 km, via Governador Portela (EFCB); ou 156 km, via Vassouras (EFCB).

COMÉRCIO E BANCOS

O COMÉRCIO da antiga Valença era dos mais intensos no período das grandes lavouras de café. Em 1871, quando da inauguração da antiga estrada de ferro União Valenciana, tornou-se a sede municipal um dos mais importantes centros comerciais da Província do Rio de Janeiro. Seus armazéns recebiam

anualmente milhares de arrôbas de café produzido no Município, além de grande quantidade de fumo, toucinho e queijos importados de Minas Gerais. Em trânsito para o matadouro de São Cristóvão, passava por Valença o gado vacum, suíno e lanígero destinado ao abastecimento da capital do Império.

Depois da abolição, veio a queda brusca do comércio, que mais tarde voltou a intensificar-se.

O comércio valenciano mantém, atualmente, transações com o Distrito Federal, São Paulo, Juiz de Fora e Barra do Piraí.

Com exclusão dos produtos originários de sua lavoura, pecuária e dos resultantes de suas indústrias têxteis e de beneficiamento de produtos alimentares, o Município importa tôdas as mercadorias de que necessita.

É bem desenvolvida a exportação de produtos do Município, com destino à Capital Federal, São Paulo e Minas, bem como para alguns países sul-americanos, destacando-se a Argentina. Os produtos de tecidos de algodão, as rendas e os bordados, bem como produtos de laticínios, são exportados em escala apreciável, estimulando o progresso do município.

Em 1956, existiam em Marquês de Valença 12 estabelecimentos atacadistas e 293 varejistas.

Em relação aos estabelecimentos de crédito, havia 1 matriz — a do Banco de Valença S/A — e 3 agências bancárias: Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A, Banco de Crédito e Comércio de Minas Gerais S/A e Banco de Minas Gerais S/A.

Em 28 de fevereiro de 1957, dos saldos das principais contas, ressaltam os referentes aos depósitos à vista e a curto prazo e a títulos descontados com 79 e 36 milhões de cruzeiros, respectivamente (dados do Serviço de Estatística Econômica e Financeira):

CONTAS	Município de Marquês de Valença	Município de Niterói	% de Marquês de Valença sobre Niterói
	(Cr\$ 1 000)		
Empréstimos em C/C.....	3 902	671 775	0,6
Títulos descontados.....	36 301	648 595	5,6
Depósitos à vista e a curto prazo	79 217	1 504 848	5,3
Depósitos a prazo.....	6 102	55 497	11,0

Excetuados os saldos relativos aos empréstimos em conta corrente, os demais registram percentagens apreciáveis sobre os correspondentes dados da capital estadual.

SALÁRIOS

COM relação ao salário mínimo do trabalhador adulto (vigente a partir de 1.º de agosto de 1956), o Estado do Rio de Janeiro acha-se dividido em 2 sub-regiões, cujos salários mínimos mensais variam de 3 200 a 3 500 cruzeiros.

Marquês de Valença faz parte da 2.ª sub-região, com salário mínimo mensal de 3 200 cruzeiros.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

COM base nos dados censitários de 1950 pode-se estimar que atualmente a percentagem de pessoas alfabetizadas no Município seja superior a 57%, quota verificada naquele ano (calculada sobre o total das pessoas presentes de 10 anos e mais).

Essa quota, relativamente elevada no quadro nacional, aproxima-se bastante da correspondente ao conjunto do Estado: 56%.

Ensino

EM 1955, contava o Município 54 unidades escolares de ensino primário fundamental comum. De ensino médio, possuía os se-



Praça central, vendo-se ao fundo a sede da Academia Valenciana de Letras

guintes estabelecimentos: “Escola Normal e Técnica de Comércio Sagrado Coração de Jesus”, com cursos ginásial, técnico de contabilidade e normal; “Colégio Municipal Teodoro Fonseca”, com cursos científicos e ginásial; “Colégio Valenciano São José”, com cursos ginásial e científico e “Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes”, com curso comercial básico e técnico de contabilidade.

O Asilo Agrícola Santa Isabel ministra curso agrícola e a Escola Profissional Mário Castilho, curso de ajustagem.

FINANÇAS PÚBLICAS

EM 1956, a receita orçada pelo Município foi de 7 722 milhares de cruzeiros dos quais 4 395 correspondentes à tributária; a despesa prevista nesse ano foi de 7 722 milhares de cruzeiros.

No período 1951/56, as finanças municipais apresentaram as seguintes cifras (dados fornecidos pelo Conselho Técnico de Economia e Finanças):

ANOS	FINANÇAS (Cr\$ 1 000)			
	Receita arrecadada		Despesa realizada	Saldo ou "deficit" do balanço
	Total	Tributária		
1951.....	3 756	2 106	3 759	— 3
1952.....	5 381	2 898	4 797	+ 584
1953.....	6 028	3 346	7 992	— 1 964
1954.....	6 020	3 688	7 021	— 1 001
1955.....	7 958	4 597	7 972	— 14
1956 (1).....	7 722	4 395	7 722	—

(1) Dados do orçamento.

As principais contas em que se decompõe a receita tributária para 1956 são as seguintes (dados em milhares de cruzeiros):

Tributária	4 395
Impostos	3 097
Territorial	240
Predial	1 300
Sobre indústrias e profissões	1 250
De licenças	150
Jogos e Diversões	157
Taxas	1 298
Expediente	220

Fiscalização e serviços diversos	80
Limpeza pública	410
Viação	400
Melhoramentos	120
Outras	68

A despesa fixada acha-se distribuída, segundo os serviços, da seguinte forma:

Despesa total	7 722
Administração geral	613
Exação e fiscalização financeira	547
Segurança pública e assistência social	42
Educação pública	1 383
Fomento	63
Serviços industriais	900
Dívida pública	600
Serviços de utilidade pública	3 236
Encargos diversos	338

A arrecadação da receita federal, estadual e municipal apresentou os seguintes dados para o período 1951/56:

ANOS	RECEITA ARRECADADA (Cr\$ 1 000)		
	Federal	Estadual	Municipal
1951.....	6 181	6 449	3 756
1952.....	7 389	7 425	5 381
1953.....	9 238	8 281	6 028
1954.....	10 210	10 047	6 020
1955.....	14 991	14 769	7 958
1956.....	19 936	20 372	(1) 7 722

(1) Orçamento.

DIVERSOS ASPECTOS

DA VIDA MUNICIPAL

O ATUAL desenvolvimento de Marquês de Valença representa o resultado do esforço realizado por seus habitantes em pouco mais de um século, pois que, por volta de 1819, como testemunhou o naturalista Saint-Hilaire, a Cidade era apenas uma “aldeia de vendolhas”. Wash, no famoso livro *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, dava melhores informações a respeito da cidade. Mais tarde, em 1859, o escritor francês Ribeyrolles destacava a sede municipal como “uma das mais belas cidades da Província do Rio de Janeiro”. Em 1845, Marquês de Valença já merecera referências elogiosas de Milliet de Saint Adolphe.

Em sua *História do Café*, Afonso de E. Taunay, ao lado das citações honrosas que fez ao “ninho de barões e viscondes”, em relação a Campos, bem como a Pindamonhangaba, “a velha cidade dos barões”, ou ainda a Campinas e Vassouras, “cidades de barões”, define Marquês de Valença como terra de marqueses, viscondes, condes e barões.

Dos ilustres filhos de Marquês de Valença ou dos radicados na região, diria Araújo Guimarães: “Formou-se respeitada aristocracia rural que, não satisfeita com o esplendor que mantinha em suas fazendas, construía na capital do Império magníficos palacetes, onde imperava o mesmo luxo e a mesma grandeza e onde pululavam os flâmulos enfarpelados de vistosas librés”.

* * *

Marquês de Valença apresenta aspecto de cidade colonial, com seus velhos casarões entre edifícios, uns assobradados, outros acachapados e poucos de construção moderna; é relativamente pobre do ponto de vista arquitetônico, possuindo ainda telhas de canal e janelas que devassam o interior das residências.

A antiga rua dos Mineiros é a principal artéria da cidade. Aí localiza-se a maior parte do comércio e da indústria; é a mais freqüentada.

Um aspecto curioso da sede municipal é o elevado número de praças que possui. São ajardinadas as atuais praças Visconde do Rio Prêto e D. Pedro II. O traçado desses jardins foi efetuado pelo francês Glaziou, autor da planta do Jardim da Praça da República, no Rio de Janeiro.

O pequeno jardim da antiga Praça Marechal Deodoro foi construído em 1912, e o da Praça Dr. Frontin, em 1913.

O jardim da Glória, construído em 1923/24, situa-se em frente à Catedral, junto ao denominado Jardim de Baixo (Parque D. Pedro II).

As ruas calçadas são em número de 52 — calçadas com paralelepípedos: 29 totalmente calçadas e 7 parcialmente; com macadame simples: 5 inteiramente e 2 parcialmente; com pedras irregulares 9 (das quais 2 só em parte).

Não há empresas telegráficas. Este serviço é feito pelo Departamento dos Correios e

Telégrafos e, quando necessário, em tráfego mútuo com a EFCB, que, por sua vez, mantém tráfego mútuo com a RMV.

Há nas praças vários bustos: o de Paulo de Frontin que, quando diretor da EFCB, prestou relevantes serviços ao Município; o do Comendador Antônio Januzzi, ao qual os valencianos devem o soerguimento de Valença. Citam-se entre os monumentos e estátuas: a a alegoria Proteção à Infância, homenagem à Sr.^a Balbina Mourão da Fonseca, protetora da criança pobre; estátua de Humberto Pentagna, médico, chefe político e que foi vice-presidente do Estado do Rio; monumento ao expedicionário da FEB; o Cruzeiro; estátua de N. S. da Conceição e de D. André Arcoverde, 1.^o Bispo de Valença.

Assinalam-se dentre as festas populares da Cidade a de Nossa Senhora da Glória, no dia 15 de agosto; a de Santo Antônio do Carambita, a 13 de junho; as de Nossa Senhora da Aparecida e de Santa Isabel (o designativo de Carambita — que significa cará do buraco de pedra — resultou de a atual capela de Santo Antônio ter sido erigida no local onde morreu velho índio Coroado, conhecido por Antônio, e que vendia o cará nativo que apanhava nas grotas).

Contam os valencianos 2 grandes hospitais: Hospital Alzira Vargas e Santa Casa da Misericórdia. Os distritos de Conservatória e Santa Isabel do Rio Preto mantém um estabelecimento hospitalar para atender suas populações.

Quanto ao aspecto cultural, possui o Município uma instituição de culto às Letras — a Academia Valenciana de Letras.

Os colégios da sede municipal atraem grande número de estudantes procedentes das localidades vizinhas.

A biblioteca municipal D. Pedro II possui a obra completa da “Revue des Deux Mondes”, com 330 volumes e que pertenceu a Glaziou.

Dentre as curiosidades da região, cita-se no distrito de Barão de Juparanã, a casa onde faleceu o Duque de Caxias (fazenda de Santa Mônica).

* * *

CIDADE de veraneio, à pequena distância do Rio, com excelentes condições de salubri-

dade, atrai anualmente centenas de pessoas. A sede municipal dispõe de vários trens diários da Central do Brasil.

O interêsse dos que vão à cidade de Marquês de Valença não se tem restringido à simples temporada de veraneio; manifesta-se, também, na aquisição de moradias, lotes de terra e sítios nas imediações da zona urbana.

* * *

Existem no Município diversas quedas d'água cuja capacidade é parcialmente aproveitada: Pau d'Alho, no rio das Flôres; Pedro Carlos, no córrego do Prata; Bela Vista, no ribeirão de mesmo nome; Rio Bonito, no rio dêsse nome; São Fernando, Grande e Paraíso, no rio das Flôres; Coronel Cardoso, no ribeirão São Fernando. Além destas, encontram-se pequenas quedas: Santa Rosa (córrego do Indaiá), Engenho e São Luís (ribeirão dos Ubás), Santa Zelinda, na fazenda do mesmo nome. Há, ainda, pequenas quedas nos ribeirões das Coroas, Cobras e Macuco e nos córregos de São Domingos, Espírito Santo e Madalena.

Principais açudes: da Concórdia, no distrito de Barão de Juparanã, e o de Lajes, no distrito-sede.

Acha-se instalada no Município uma Agência Municipal de Estatística, órgão integrante do sistema estatístico brasileiro.

ESTA publicação faz parte da série de monografias municipais organizada pela Diretoria de Documentação e Divulgação do Conselho Nacional de Estatística. A nota introdutória, sôbre aspectos da evolução histórica do Município, corresponde a uma tentativa no sentido de sintetizar, com adequada sistematização, elementos esparsos em diferentes documentos. Ocorrem, em alguns casos, divergências de opinião, comuns em assuntos dessa natureza, não sendo raros os equívocos e erros nas próprias fontes de pesquisa. Por isso, o CNE acolheria com o maior interêsse qualquer colaboração, especialmente de historiadores e geógrafos, a fim de que se possa divulgar de futuro, sem receio de controvérsias, o escôrço histórico e geográfico dos municípios brasileiros.

Presidente : Jurandyr Pires Ferreira

Secretário-Geral : Luiz de Abreu Moreira

COLEÇÃO DE MONOGRAFIAS

(2.^a série)

101 — Santa Quitéria. 102 — Guaíba. 103 — Adaman-
tina. 104 — Prudentópolis. 105 — São Fidélis. 106 —
Brusque. 107 — Patos. 108 — Propriá. 109 — Mossoró.
110 — Quixeramobim. 111 — Cipó. 112 — Cachoeira do
Sul. 113 — Floriano. 114 — Baependi. 115 — Guaçuí.
116 — Ponte Nova. 117 — Goiânia. 118 — Caxambu. 119
— João Pessoa. 120 — Mariana. 121 — Jaboatão. 122 —
Carandaí. 123 — Tijucas. 124 — Estância. 125 — Ca-
ruaru. 126 — São Pedro do Sul. 127 — O Vale do Cariri.
128 — Açú. 129 — Lençóis. 130 — Bom Jesus. 131 —
Cangussu. 132 — Juazeiro do Norte. 133 — Livramento.
134 — Rio Claro. 135 — Itajubá. 136 — Buquim. 137 —
Conceição do Mato Dentro. 138 — Campo Maior. 139 —
Dois Córregos. 140 — Paranaíba. 141 — Lapa. 142 —
Picuí. 143 — Território do Acre. 144 — Russas. 145 —
Três Pontas. 146 — Juazeiro. 147 — São Lourenço. 148
— Januária. 149 — Santo Amaro. 150 — Passo Fundo.
151 — Marquês de Valença. 152 — Osório. 153 — Viana.

*Acabou-se de imprimir, no Serviço Gráfico do IBGE,
aos dezoito dias do mês de setembro de mil
novecentos e cinquenta e sete.*